

6

Referências Bibliográficas

ABRAMOVAY, Mirian... (et al.). Gangues, galeras, chegados e rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. Fotoetnografia – um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho. Porto Alegre: Tomos Editorial, 1997.

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de & TRACY, Kátia Maria de Almeida. Noites nômade – espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2003.

ARAÚJO, Marcelo da Silva. Vitrines de concreto na cidade: juventude e grafite em São Gonçalo. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

ARCE, José Manuel Valenzuela. Vida de barro duro – cultura popular juvenil e grafite; tradução de Heloisa B. S. Rocha. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1981.

AUGÉ, Marc. Não-lugares – introdução a uma antropologia da supermodernidade; tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papirus, 1994.

BACHELARD, Gaston. A dialética da duração; tradução de Marcelo Coelho. São Paulo: Editora Ática, 1994.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. *Velhos e jovens no Rio de Janeiro: processos de construção da realidade*. In: VELHO, Gilberto & KUSCHNIR, Karina (Orgs.). Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

BARTHES, Roland. O prazer do texto; tradução de J. Guinsburg. 4ª edição, São Paulo: Perspectiva, 2004.

BARTHES, Roland. O grau zero da escrita; tradução de Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BARTHES, Roland. A câmara clara – notas sobre a fotografia; tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BAUDRILARD, Jean. A arte da desapareição; tradução de Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

BERGER, Peter L. & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina; tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BOURDIEU, Pierre (Coord.). A miséria do mundo; vários tradutores. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico; tradução de Fernando Tomaz (português de Portugal). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BOURDIEU, Pierre. Livre-troca – diálogos entre ciência e arte / Hans Haacke; tradução de Paulo César da Costa Gomes. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

BOURDIEU, Pierre. Coisas ditas; tradução de Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BOURDIEU, Pierre. Questões de Sociologia; tradução de Jeni Vaitsman. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero Limitada, 1983.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 1974.

BRUM, Luciana. *Riscando um novo caminho*. In: Comportamento, Revista O Globo, 07 de novembro de 2004.

CARDOSO, Ruth (Org.). A aventura antropológica – teoria e pesquisa. São Paulo: Editora Paz e Terra S.A., 1997.

CARDOSO, Ruth & SAMPAIO, Helena. Bibliografia sobre a juventude. São Paulo: Edusp, 1995.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. Araweté – o povo do Ipixuna. São Paulo: CEDI, 1992.

CHARTIER, Roger. A aventura do livro – do leitor ao navegador; tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

CHALUMEAU, Jean Luc. As teorias da arte – filosofia, crítica e história da arte de Platão aos nossos dias; tradução de Paula Taipas. Lisboa: Instituto Piaget, (s/d).

CHOAY, Françoise. O urbanismo – utopias e realidades: uma antologia. São Paulo: Perspectiva, 2002.

COLLINS GEM – Dictionary English/Portuguese. London, 1987.

COOPER, Martha & CHALFANT, Henry. Subway Art. London: T&H - Thames and Hudson Ltd.&H, 1997.

COSTA, Claudio. Filosofia da linguagem. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

CRUZ, Lea da. Línguas cortadas?: medo e silenciamento no trabalho do professor. Niterói: EdUFF/Intertexto; São Paulo: Xamã, 2005.

CUNHA, Olívia Maria Gomes da. *Bonde do mal: Notas sobre território, cor, violência e juventude numa favela do subúrbio carioca*. In: MAGGIE, Yvonne & REZENDE, Claudia Barcellos. Raça como retórica – a construção da diferença. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

DaMATTA, Roberto. Tocquevilleanas – notícias da América. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2005.

DaMATTA, Roberto. O que é o Brasil? Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2004.

DaMATTA, Roberto¹. Profissões industriais na vida brasileira – ontem, hoje e amanhã. Brasília: Editora Universidade de Brasília / Senai: MTE, 2003.

DaMATTA, Roberto. Em torno da dialética entre igualdade e hierarquia: notas sobre as imagens e representações dos Jogos Olímpicos e do futebol no Brasil. In: Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia e Ciência Política – Universidade Federal Fluminense, nº 14, 1º Semestre de 2003.

DaMATTA, Roberto. Relativizando – uma introdução à antropologia social. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2000.

DaMATTA, Roberto. A Casa & A Rua – espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1997.

DaMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio – notas em torno do significado social do futebol brasileiro. In: Revista USP, Dossiê Futebol – Universidade de São Paulo, nº 22, jun/jul/ago de 1994.

DaMATTA, Roberto. Conta de mentiroso – sete ensaios de antropologia brasileira. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1993.

DaMATTA, Roberto. Explorações – ensaios de sociologia interpretativa. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1986.

DaMATTA, Roberto. O que faz o Brasil, Brasil? Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1984.

DaMATTA, Roberto. *Universo do carnaval: imagens e reflexões*. Rio de Janeiro: Edições Pinakotheke, 1981.

DaMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis – para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1980.

DaMATTA, Roberto & TIBAU, Anderson. *Relatório Interno da Pesquisa com Formadores de Opinião sobre o Jovem e a Juventude*. Rio de Janeiro: Coca-Cola, agosto de 2004. (mimeo.)

DAUSTER, Tania. *Uma revolução silenciosa: notas sobre o ingresso de setores de baixa renda na universidade*. In: *Ava Revista de Antropologia*. Posadas, Misiones, Argentina, v. n° 06, 2005.

DAUSTER, Tania. *Jogos de inclusão e exclusão sociais*. In: YUNES, Eliana & OSWALD, Maria Luíza (Orgs.). *A experiência da leitura*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

DAUSTER, Tania. *Os universitários – modos de vida e práticas leitoras e memória*. In: *Revista Teias Conhecimento Sociedade Educação*. Faculdade de Educação da UERJ, v. ano 2, N° 04, 2001.

DAUSTER, Tania. *Representações sociais e educação*. In: CANDAU, Vera (Org.). *Linguagens, espaços e tempos de ensinar e aprender*. Rio de Janeiro, 2000.

DAUSTER, Tania. *Um outro olhar – entre a Antropologia e a Educação*. In: *Cadernos Cedes – Antropologia e educação: Interfaces do ensino e da pesquisa*. Ano XVIII, N° 43, dezembro/97.

DAUSTER, Tania. *Leitura na cidade*. In: *I Jornada Interdisciplinar de Leitura*. PUC-Rio, Dept° de Letras, novembro de 1994.

DEVESE, Eloisa. *Subversão colorida*. In: *Caros Amigos Especial*, SP, n.º 3, (s/d).

DIRINGER, David. *A escrita*; tradução de Armando Luiz. Rio de Janeiro: Editorial Verbo, 1985.

DUARTE, Rosália. *Cinema e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

DUARTE, Rosália. *A pedagogia da imagem fílmica – filmes como objeto de pesquisa em educação*. In: *Cadernos de Antropologia e Imagem*, n° 10. Rio de Janeiro: UERJ, NAI, 2000.

DURHAM, Eunice R. *A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas*. In: CARDOSO, Ruth (Org.). *A aventura antropológica – teoria e pesquisa*. São Paulo: Editora Paz e Terra S.A., 1997.

DURKHEIM, Émile. *A evolução pedagógica*; tradução de Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*; tradução de Maria Isaura Pereira Queiroz. 6ª edição, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

EMMERLING, Leonhard. *Basquiat*; tradução de Constança Paiva Boléo Santana. Lisboa: TASCHEN, 2003.

GALEANO, Eduardo. *As palavras andantes*; tradução de Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&MP, 1994.

GEERTZ, Clifford. *Obras e vidas – o antropólogo como autor*; tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a antropologia*; tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

GEERTZ, Clifford. *O saber local – novos ensaios em antropologia interpretativa*; tradução de Vera Mello Joscelyne. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

GEERTZ, Clifford. *After the fact – two countries, four decades, one anthropologist*. Cambridge: Harvard University Press.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1989.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*; tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

GITAHY, Celso. *O que é graffiti*. São Paulo: Brasiliense, 1999. (Coleção Primeiros Passos).

GOLDENBERG, Mirian (Org.). *Nu & vestido – dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GONTIJO, Fabiano. *Carioquice ou carioquidade? Ensaio etnográfico das imagens identitárias cariocas*. In: GOLDENBERG, Mirian (Org.). *Nu & vestido – dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GRIECO, Alfredo. *A família grafite – um glossário incompleto*. Departamento de Comunicação, PUC-Rio, 2004. (mimeo.)

GRIECO, Alfredo. Arrivons dimanche (Foujita no Rio de Janeiro). In: ALCEU – Revista de Comunicação, Cultura e Política. V.2, nº 4, jan/jun. Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Comunicação Social, 2002.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade; tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HERSCHMANN, Micael. O funk e o hip-hop invadem a cena. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

HERSCHMANN, Micael (Org.). Abalando os anos 90 – funk e hip hop: globalização, violência e estilo cultural. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1997.

JUNG, Carl G. O homem e seus símbolos; tradução de Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

KANT, Immanuel. Sobre a pedagogia; tradução de Francisco Cock Fontanella. Piracicaba: Editora Unimep, 1986.

KEHL, Maria Rita. *A juventude como sintoma*. In: NOVAES, Regina & VANNUCHI, Paulo (Orgs.). Juventude e sociedade – trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

KONDER, Leandro. Os sofrimentos do homem burguês. São Paulo: Editora SENAC, 2000.

KONTTAK, Conrad Phillip. Assault on the paradise – social change in a brazilian village. New York: McGraw-Hill, 1992.

KUPER, Adam. Cultura – a visão dos antropólogos; tradução de Mirtes Frange de Oliveira Pinheiro. Bauru: EDUSC, 2002.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura – um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

LAROUSSE – Petit Dictionnaire Français/Portugais. Paris, 1997.

LIVRO DAS ARTES; tradução de Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MAGGIE, Yvonne & REZENDE, Claudia Barcellos. Raça como retórica – a construção da diferença. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

MANGUEL, Alberto. Lendo imagens: uma história de amor e ódio; tradução de Rubens Figueiredo, Rosaura Eichemberg e Cláudia Strauch. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MARCONI, Marina de Andrade & PRESOTTO, Zélia Maria Neves. Antropologia – uma introdução. 4ª edição, São Paulo: Editora Atlas, 1998.

MAUSS, Marcel. Sociologia e antropologia; tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MAUSS, Marcel. Ensaios de sociologia; tradução de Luiz João Gaio e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2001.

MILLS, Wright C. A imaginação sociológica; tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1975.

NAVARRA, Enrico. Jean Michel Basquiat. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 1998.

NOVAES, Regina & VANNUCHI, Paulo (Orgs.). Juventude e sociedade – trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

NUNES, Edson de Oliveira. A aventura sociológica – objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1978.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 2000.

PAVÃO, Andréa. A aventura da leitura e da escrita entre mestres de Roleplaying Game (RPG). São Paulo: Devir, 2000.

PÉRATÉ, André. L'archéologie chrétienne. Paris: Ancienne Maison Quantin – Librairies Imprimeries Reunies, 1892.

PIMENTEL, Spency. *A festa do rap em Sapopemba*. In: Caros Amigos Especial, SP, n.º 3 (s/d).

ROCHA, Janaína, DOMENICH, Mirella & CASSEANO, Patrícia. Hip Hop – a periferia grita. 1ª edição, São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

RODRIGUES, José Albertino (Org.). Durkheim – sociologia; Tradução de Laura Natal Rodrigues. 9ª edição. São Paulo: Editora Ática, 2002.

RUIZ, Simone. *Grafite legal*. In: Caderno D, Jornal O Dia, 12 de agosto de 1999.

SANTAELLA, Lúcia. O que é semiótica. São Paulo: Brasiliense, 2002. (Coleção Primeiros Passos).

SCHAEWEN, Deid von. Walls. London:Thames and Hudson, 1977.

SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter – conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo*; tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SHAKESPEARE, William. *Romeu e Julieta*; Tradução de Bárbara Heliodora. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2004.

SHUKER, Roy. *Vocabulário de música pop*. 1ª edição, São Paulo: Hedra, 1999.

SILVA, Armando. *Imaginários urbanos*; tradução de Mariza Bertoli e Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva; Bogotá, Col: Convênio André Bello, 2001.

SIMMEL, Georg. *As grandes cidades e a vida do espírito*. In: CHOAY, Françoise. *O urbanismo – utopias e realidades: uma antologia*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

SIMMEL, Georg. *Filosofia do amor*; tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SIMMEL, Georg. *Sociabilidade – um exemplo de sociologia pura ou formal*. In: FILHO, Evaristo de Moraes (Org.). *Simmel – Sociologia*. Coleção Grandes Cientistas nº 34. São Paulo: Editora Ática, 1983.

SIMMEL, Georg. *A metrópole e a vida mental*. In: VELHO, Otávio (Org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1976.

SIMMEL, Georg. *Sociología – estudios sobre las formas de socialización*; traducción del alemán por J. Pérez Bances. Vol. I e II. Buenos Aires: Espasa-Calpe Argentina S.A., 1939¹.

SIMMEL, Georg. *Sociología – estudios sobre las formas de socialización*; traducción del alemán por J. Pérez Bances. Vol. VI e VII. Buenos Aires: Espasa-Calpe Argentina S.A., 1939².

SPOSITO, Marília Pontes & CARRANO, Paulo César Rodrigues. *Juventude e políticas públicas no Brasil*. In: *Revista Brasileira de Educação da ANPEd*. Nº 24, 2003.

SPOSITO, Marília Pontes. *A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade*. In: *Tempos Sociais*, 5(1-2). São Paulo, 1994.

TURNER, Victor. *O processo ritual – estrutura e anti-estrutura*; tradução de Nancy Campi de Castro. Petrópolis: Editora Vozes, 1974.

VASCONCELLOS, José Leite de. *Antroponímia portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa, 1928.

VELHO, Gilberto & KUSCHNIR, Karina (Orgs.). Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

VELHO, Otávio (Org.). O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1976.

VIANNA, Hermano (Org.). Galeras cariocas – territórios de conflitos e encontros culturais. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

VILHENA, Junia de. *Da cultura do medo à fraternidade como laço social*. In: VILHENA, Junia de, CASTRO, Ricardo Vieiralves de & ZAMORA, Maria Helena (Orgs.). A cidade e as formas de viver. Rio de Janeiro: Editora Museu da República, 2005.

VILHENA, Junia de. *Da claustrofobia a agorafobia – cidade, confinamento e subjetividade*. In: Revista do Rio de Janeiro. Nº 09, jan./abr. 2003.

VROONEN, Eugêne. Les noms des personnes dans le monde – anthroponymie universelle compare. Éditions de la Librairie Encyclopedique, 1967.

WAINER, João. *Pichação é arte*. In: Superinteressante, Editora Abril, maio de 2005.

WAIZBORT, Leopoldo. As aventuras de Georg Simmel. São Paulo: Editora 34, 2000.

YUNES, Eliana & OSWALD, Maria Luíza (Orgs.). A experiência da leitura. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

ANEXOS

ANEXO 1

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Bloco 01 – dados sobre o entrevistado: nome / apelido / idade / representação de classe e cor / moradia / estado civil / grau de escolaridade / línguas / profissão / gostos / lazer / fim de semana / roupa / hábitos / vícios

Bloco 02 – o grafiteiro por ele mesmo: o que é ser grafiteiro / sua história de vida e como grafiteiro / quais as principais influências (o que te levou a grafitar) / como se vestem

Bloco 03 – o grafite pelo grafiteiro: o que é o grafite / como vocês vêm o grafite de vocês / como vocês vêm o grafite dos outros / há alguma distinção entre os grafites que vocês realizam e outros grafites / há alguma ligação com outros grafiteiros (próxima ou distante, por quê?) / quem são os mitos ou as referências marcantes do grafite / o que significa grafitar / há uma classificação de grafites ou dos estilos / qual a frequência com que vocês saem para grafitar / Quais são os melhores lugares para grafitar / Em que bairros costumam grafitar? Por quê? / Quais são as leis no grafite? O que é permitido e o que não é permitido entre os grafiteiros?

Bloco 04 – o grafite e as técnicas: o horário para pintar / a escolha do lugar / o material utilizado / como se escolhe o tema / há desenhos prévios / como se desenvolve a tipologia / quais os principais problemas / as técnicas se modificam com o tempo / por que no muro

Bloco 05 – o grafiteiro e a cidade: qual é a relação entre o grafite e a cidade / como é o homem da cidade / qual é a reação das pessoas / qual é a reação da imprensa / qual é a reação da Lei

Bloco 06 – outras questões sobre grafite: como se aprende o grafite / o que aproxima e o que distancia o grafite da pichação / por que os apelidos / como se atualizam e como se informam / o grafite pode ser ensinado e aprendido / old school e new school / o que não pode faltar na hora de grafitar / qualquer um pode ser grafiteiro ou exige-se alguma habilidade / qual o significado da crew

Bloco 07 – a juventude: o que é a juventude / símbolos da juventude / o trabalho para o jovem

ANEXO 2

Entrevista realizada no dia 07 de abril de 2004

DADOS SOBRE O ENTREVISTADO

Nome: Inácio
 Apelido: Broz
 Idade: 22 anos
 Representação de classe: Classe média
 Representação de cor: Branco
 Moradia: Lagoa
 Estado Civil: Solteiro
 Grau de escolaridade: Ensino Superior (em curso)
 Línguas: Português e Inglês
 Profissão: Estudante e grafiteiro
 Gostos: Computação gráfica, cachorro e grafite
 Lazer: Praia e grafite
 Fim de semana: Praia e Grafitar
 Roupas: Confortável, T-shirt, bermudão, boné e tênis
 Hábitos: Passear com o cachorro, ir à praia, grafitar
 Vícios: maconha e grafite

O GRAFITEIRO POR ELE MESMO

O que é ser grafiteiro?

Ser *grafiteiro de verdade*? Ser grafiteiro eu estou na verdade descobrindo ainda o que é. Na verdade eu estou descobrindo. A parada foi muito inesperada na minha vida. Eu fazia tudo muito por acaso. Até hoje ainda tem vários malucos que eu respeito, que são os verdadeiros grafiteiros pra mim. Acho que o primeiro passo foi dado... agora me sinto mais grafiteiro... um pouco por ter feito a *ação* no metrô... por ter pintado o metrô. Foi uma *atitude* nada artística e totalmente grafiteiro. Porque o grafite é isso também, é o lance do cara querer o *vandalismo*.

Quando você fala *ação* você está se referindo a quê?

A *ação* é o ato de grafitar... mas na *ação* corre-se risco de verdade e nem sempre um grafite é arriscado. Quando ele não é arriscado, quando não tem o lance do *vandalismo*, aí o grafite é só o *trampo*. A *ação* tem um lance da *coragem* e do *vandalismo*. No *trampo* é mais o *prazer*, sem querer depredar nada.

Sua história de vida e como grafiteiro.

Eu tenho uma família pequena. Eu, meus pais e minha irmã. Eu sempre fui menino zona sul. Meus pais sempre tiveram uma condição financeira legal. Estudei numa boa escola aqui da Lagoa e hoje estou terminando desenho industrial. Quando era criança fiz curso de inglês, escolinha de futebol e, um pouco mais velho arrisquei o surf. Mas não era a minha praia. Outro lance é que eu sempre gostei de desenhar. Eu sempre fui *pichador de caderno*... desenhava nas folhas do caderno da escola. Mas desenhava também nas paredes... no início eu só pichava. Teve uma época que cheguei a pichar nos muros, mas a fase passou, perdi o interesse. Comecei a me interessar mais pelo grafite e então passei a comprar revistas sobre o assunto. Percebi que os grafites começavam a aparecer com toda força aqui no Rio e um dia decidi que queria fazer os meus grafites também. Comecei fazendo uns rabiscos muito toscos, feios... sem estilo. Mas fui me aprimorando e na faculdade foi importante ter contato com a computação gráfica.

Quais as principais influências (o que te levou a grafitar)?

A principal influência foi mesmo o grafite. Eu gostava de olhar os grafites e ver as técnicas, os desenhos... ficava admirando como era possível fazer tudo aquilo com o *spray*. Depois passei a comprar revistas que falavam de *hip hop* e sempre tinha uma parte dedicada aos grafites. Tinha uns caras de São Paulo que eram os melhores (eles existem até hoje... são dois irmãos gêmeos). Na faculdade vi um vídeo sobre o Basquiat e aí foi demais. O cara era muito louco e ousado. Eu queria fazer algo diferente... mexer com a cidade... criar alguma coisa que deixasse uma marca. Fui conhecendo outros caras que tinham a mesma vontade. Fomos trocando idéia... Tinha o lance de ser perigoso... isso mexia comigo. Acho que isso tudo me levou a grafitar. É lógico que eu gostava de desenhar também e isso é o principal.

Como se vestem? O visual é importante?

Meu visual é esse mesmo. To sempre com uma camiseta, um bermudão cargo, tênis... A gente se suja muito de tinta então não pode andar todo arrumadinho por aí. O boné tem dupla função: esconder o rosto e proteger a cabeça. Às vezes temos

que sair batido e isso significa que nada pode atrapalhar. A nossa roupa combina com o nosso estilo.

O GRAFITE PELO GRAFITEIRO

O que é o grafite?

Pô o grafite é uma *forma de expressão*. Ele é visual, é desenho, é letra, é *atitude*, é *ação*, é tudo isso que eu já disse... *O grafite é uma forma de identidade visual dos jovens*. Não tem jeito, onde tem um grafite tem o jovem. O grafite, sei lá... *é uma maneira que os jovens têm de se expressar*, de falar das suas coisas, do seu universo, das suas experiências... *É arte, é protesto, é trabalho...* pode ser muita coisa... Mas a realidade é que *o grafite só é o grafite se estiver na rua...* Esse negócio de *grafite bonzinho*, dentro de casa, que não corre risco, que não tem adrenalina... isso pra mim não é grafite.

Como você vê o seu grafite?

Hoje eu acho que ele é muito mais *conceitual*. Eu tenho mais preocupação com os detalhes, em criar algo novo e que seja diferente de todos os outros. Acho que consegui e quero sempre inventar algo novo. Atualmente tenho me dedicado num detalhe... em todos os meus grafites tem sempre um detalhe que se repete. Arrumo sempre um jeito de colocar esse detalhe em algum lugar da *produção*.

Você falou duas coisas interessantes: a coisa do *conceitual* e da *produção*. O que significa isso?

Por que o meu grafite é *conceitual*? Não entendi...

Você falou que o seu grafite era mais *conceitual*...

Ah! É, ele é mais *conceitual* porque eu tenho uma *preocupação artística*, de *estilo*... O *conceito* surpreende... é meio novidade... gera uma polêmica, um comentário, principalmente no meio do grafite. Entre os grafiteiros tem isso... meio que uma *disputa* pelo *conceito*. Mas sem trapaça... É muito o negócio da *pesquisa*, de procurar, de ter uma idéia nova sobre algo que nunca foi feito... é meio que *antever a tendência*. *Um grafite conceitual dita os rumos que o grafite vai tomar*. E isso tem muito da *arte*.

E o lance da *produção*?

A *produção*, quando eu falo *produção* eu falo de *um grafite que é feito com elaboração, com cuidado, com requinte... Uma produção é um grafite que deu trabalho pra fazer...* que não foi feito de qualquer maneira, como no estilo *throw up*.

Estilo o quê?

Throw up... jogado, sem cuidado, sem elaboração, com poucas cores... quase um rascunho. Meio mal feito.

E como você vê o grafite dos outros?

Tudo bem... cada um grafita o que quer. Claro que tem uns lances que eu acho muito bizarro... você percebe que ainda falta muita técnica. Mas tem muita coisa boa e nova. O grafite no Brasil é considerado um dos melhores do mundo. São Paulo ainda dá show, mas no Rio muita coisa boa tem acontecido. Às vezes eu penso: bem que eu poderia ter tido aquela idéia... Isso é o *conceito*.

Há alguma distinção entre os grafites que você realiza e outros grafites?

Como assim?

Tem alguma coisa que seja muito diferente?

Em termos estilísticos é tudo diferente... eu acho que eu acabo me influenciando com alguma coisa de outros grafites, mas acho que influencio também. A questão está na escolha. Eu quero fazer um grafite cada vez mais *conceitual*... tem neguinho que fica naquela ainda do *hip hop*... do *grafite social*... pra mim *grafite social* é clichê. Meu lance é outro... é a *surpresa*... é a *arte*.

Como assim grafite social?

Vou te dar um exemplo. Na Glória tem um grafite muito bem feito... uma *produção*. Mas o desenho é um monte de neguinho pendurado em uns ganchos com uma frase que diz assim: A carne mais barata do mercado é a carne negra. Tudo bem... é grafite, tem uma *mensagem*... mas eu acho que isso é clichê... não tem nada de *conceitual*. O *grafite social* é esse que tá sempre fazendo um *discurso revoltado*... sei lá!

Há alguma ligação com outros grafiteiros?

A gente é tudo meio *marginal*. Apesar de haver um movimento de tentar não ser tão *marginalizado*, o grafite ainda é muito *marginal*. Então tem tipo uma *união*. Às vezes grafito com outros *parceiros*... tem *produção* que é feita *em conjunto*. A gente se encontra no *trampo*, a gente sabe quem é quem... tem *produção* que junta dois *estilos* completamente diferentes... Os grafiteiros estão ligados uns nos outros. Até porque os grafiteiros novos colam nos mais velhos pra aprender, pra ganhar *moral*, pra ficar conhecido. Mas a ligação mesmo está no trabalho. A gente sempre usa o grafite do outro como um *exemplo*: é isso que eu gostaria de fazer... isso eu não gostaria... A gente se comunica, troca idéias, tem fotolog, tem a Internet...

É uma rede?

Como assim?

Vocês estão ligados uns aos outros?

Estamos de olho uns nos outros, mas ligados, ligados, não. Só de vez em quando. Mas acho que é uma rede. A rede dos grafiteiros... Tem eventos que nos encontramos e é sempre muito bom. Há *concorrência*, mas essa *concorrência* só faz o nível aumentar.

Quem são os mitos ou as referências marcantes do grafite?

Os mitos são os mais velhos. Quem já tem *moral*... Os caras que fizeram coisas *surpreendentes*... Tem os pioneiros de São Paulo... tem uma galera bacana aqui no Rio... Tem a Flesh Beck (um grupo de grafiteiros). Tem uns caras que ultrapassaram a questão do *hip hop*. *O grafite já transcendeu o hip hop*. E tem o Basquiat, o Haring. Mas se os mais novos não colam com os mais velhos, dificilmente ele ganha *espaço* no grafite. Mas em geral é assim.

O que significa grafitar?

Primeiro é uma sensação de liberdade. Segundo é uma satisfação. A sensação na hora em que se faz um grafite é de satisfação, é maneira pra caramba! Mas eu sempre gosto de ver interagindo no meio. Eu gosto de passar de ônibus e ver a

produção ali, eu gosto de passar de carro e ver. Sou viciado em ver os meus desenhos na rua. Eu vejo um lugar que cabe um desenho e eu fico pensando ali cabe, ali cabe, ali cabe... até fazer. Isso é um vício. A satisfação é o tempo inteiro. Eu passo pelos meus grafites e dá aquela satisfação. Depois que você faz é só prazer. Até quando nego interage, picha, sei lá, faz qualquer porra... tudo tem um sentimento ali. Outro ponto é que o grafite é arte... não sei... o grafite pode ser muitas coisas. Pode ser o trabalho, pode ser o lazer, a diversão. Pra mim grafitar e botar pra fora todo o meu potencial criativo... de uma forma marginal, que pode ser vandalismo ou arte. Grafitar é sentir meio dono da cidade... uma forma de lidar com a sociedade, com as injustiças... cada um dá um sentido. Eu acho que uma forma do jovem encontrar espaço.

Você já falou em grafite social e grafite conceitual. Há uma classificação de grafites ou dos estilos?

Olha eu acho que tem sim. Tem um grafite tipo social que o mais ligado ao hip hop. Tem o conceitual que tem mais a ver com a arte, com a questão mais estética... Mas tem grafite que é pago, quando rola um contrato de serviço... Tem o vandalismo total... Mas acho que também todo grafite tem um pouco de cada coisa. Eu grafito por encomenda, às vezes quero o vandalismo... Já fiz um pouco de social... Não dá pra dizer que tudo igual, mas sempre tem um pouco de cada coisa. Isso é o que eu penso e os parceiros que conheço também compartilham essa idéia. Mas não tem essa de desfazer um do outro... cada um grafita o que quiser, com os recursos que tem... cada um acredita numa coisa. O negócio é que sempre passa uma mensagem.

Qual a frequência com que você sai para grafitar?

Eu saio todo dia com a intenção de grafitar... mas nem todo dia eu grafito. Quando não grafito, pelo menos fico de escolta. É meio vício... eu sou completamente viciado no grafite.

Você fica de escolta... como é isso?

A escolta é quando você fica de olho num lugar. Você passa e percebe que ali naquele lugar dá pra fazer uma produção. Então diariamente você olha praquele lugar e vai observando a movimentação, se tem muita gente passando, se tem boa

visibilidade... Mesmo quando eu não grafite eu fico de escolta. Esse lance é legal, porque você pode surpreender pelo lugar que escolhe também... A escolta é muito importante. Mas tem o lance de na hora em que você tá grafitando também ficar na escolta... pra não ser pego de bobeira.

Quais são os melhores lugares para grafitar?

Os mais inusitados, os mais inesperados... Mas tem que ter boa visualização também... No grafite conceitual tem o lance de você se integrar à paisagem... Você vê um viaduto e tenta fazer uma produção que se mistura com aquele lugar. Com relação ao risco, o melhor lugar é aquele que você sabe que não vai ser incomodado... Se o lance é o vandalismo o lugar tem que indignar... Tipo: Putz, não acredito que alguém pôde fazer isso... na verdade eu nem sei se tem esse negócio de melhor lugar... quando eu to pilhado (excitado), eu quero grafitar, não importa aonde.

Em que bairros costumam grafitar? Por quê?

Eu costumo grafitar aqui mesmo pela zona sul. Lagoa, Jardim Botânico, Fonte da Saudade... às vezes vou pro centro... Mas é mais aqui mesmo... acho que me sinto mais em casa... É como se fosse um território... As pessoas acabam identificando o grafite pelo estilo e pelos lugares... Também já grafitei no Leblon, Gávea. Mas é tudo pela vizinhança.

Quais são as leis no grafite?

A principal lei pra mim é o respeito. Eu respeito a produção dos outros e os outros respeitam a minha. Eu respeito os mais antigos e os mais novos têm que me respeitar. Não dá pro carinha chegar amanhã a achar que já é do grafite. Tem um tempo... ele tem que ter respeito por quem já tem moral. Não pode bombardear a produção dos outros... A questão maior é do respeito. Respeito até pichação porque pra mim os caras tão se expressando... não é a minha, mas é a deles... Pra mim a principal lei é a do respeito.

O que é permitido e o que não é permitido entre os grafiteiros?

É meio isso que já falei... não é permitido negar que os mais antigos têm mais moral... Tem chegar pianinho (devagar), chegar chegando, pra ganhar moral, pra

ser reconhecido no meio, pra mostrar a sua idéia. Se tiver respeito, pode tudo... aí é com cada um. O principal é não interferir na produção do outro.

Você tinha falado alguma coisa de bombardear... o que é isso?

É sair grafitando geral... sem cuidado, sem respeitar o grafite que já está ali...

O GRAFITE E AS TÉCNICAS

Qual é o melhor horário para grafitar?

O grafite precisa da luz do dia. Uma produção só fica muito boa se você puder ver bem o que está fazendo... as cores... os tons... Mas dependendo da situação e da vontade, o grafite é toda hora. Eu evito grafitar à noite pra não ser confundido com pichador porque aí os caras (a polícia) te sacodem mesmo... nem querem conversa...

E a escolha do lugar?

É como eu já falei... se tem um lugar de bobeira, é ali mesmo. Se tem um lugar diferente, inesperado, melhor ainda. Pode ser em qualquer lugar. Eu prefiro grafitar na rua... só grafito dentro de casa por encomenda... mas não é a mesma coisa. O grafite de verdade tem que estar na rua.

O material utilizado?

Eu só grafito com spray. Mas tem gente que usa tinta látex... Eu também uso, mas sopra preparar o lugar... Primeiro eu dou uma mão de látex e depois eu grafito. Só uso spray... todas as cores... e vou mudando o bico pra conseguir traços mais finos, mais grossos, mas é basicamente spray.

Como você escolhe os temas?

Isso muda muito... a inspiração pode vir da coisa mais banal... Eu escolho meus temas, geralmente, falando de alguma coisa minha... uma história, uma lembrança, um episódio... Eu escolho um símbolo e passo a trabalhar em cima dele... Tem época que estou mais psicodélico, tem vezes que é mais hard, isso varia muito...

Você faz algum desenho antes, um rascunho?

No caso de uma produção tem sempre um croqui. Tem um modelo que você vai seguir. Eu sempre faço primeiro à mão, depois passo pro computador e ali vou dando uma forma final. Quando vou pro muro já sei exatamente como ele vai ficar... Isso é meio o trabalho de pesquisa também. O grafite no Rio está bem conceituado porque os grafiteiros têm tido muito cuidado com esse aspecto... E o computador dá essa segurança de um trabalho bom. Mas sem o talento e a técnica, tudo vai por água a baixo.

Como é o trabalho de desenvolver a tipologia?

Com o computador o trabalho ficou bem melhor. Mas como eu sempre gostei de desenhar, criar letras sempre foi tranquilo... meio distração mesmo. Eu sempre tenho uma idéia primeiro no papel, depois eu passo pro computador e ali desenvolvo, torço, retorço, ponho cor, mistura uma na outra... é como um jogo. Mas a tipologia no grafite é fundamental. Um bom grafite tem um bom trabalho de tipologia. Tem que ser sério... dá trabalho. Às vezes eu fico dias trabalhando em cima de uma letra, de um estilo, de um jeito... Isso também é muito visado no meio do grafite. Tem letras que são mais bem trabalhadas do que os desenhos... É na verdade você faz uma letra que é um desenho. É isso.

E as técnicas se modificam com o tempo?

Com certeza... o computador hoje é fundamental. Mas o fato de grafitar isso sofre poucas alterações com relação ao material. É basicamente spray... desde sempre... O spray é um símbolo do grafite. Tem o computador e coisa e tal, mas a base é sempre o spray. O jeito de grafitar permanece. O que muda é por conta do conceito... Coisas que você faz hoje e que há uns dez anos atrás era praticamente inconcebível.

Por que no muro?

O muro é um símbolo no grafite. O muro é como uma tela... A posição, a visualidade... e o grande número de muros... É o local de melhor acesso. Mas não só mais o muro... na verdade qualquer parede pode ser grafitada... tem uns caras na Europa que grafitam o chão... na verdade as possibilidades são muitas... O muro vai ser sempre o muro. Tem um valor... Quem passa no ônibus vê, quem

passa de carro, quem passa a pé... É o espaço mais democrático... Não precisa levar escada... é só o grafiteiro, o muro, as tintas e a idéia.

O GRAFITEIRO E A CIDADE

Qual é a relação entre o grafite e a cidade?

A cidade hoje tem muito de nós. Uma cidade grande que não tem um grafite é praticamente impossível. Da mesma forma que você não pode mais imaginar uma metrópole sem prédios e arranha-céus, você não consegue mais imaginar uma cidade sem grafite. É só ter atenção e perceber. O grafite tem a ver com as metrópoles e vice-versa... Acho que essa é a maior relação.

Como você vê o homem da cidade?

O homem da cidade está muito estressado... muita correria, muito assalto, muito doideira. É desemprego, gente pela rua... a cidade está um caos... o grafite é meio uma arma contra essa vida louca da cidade eu acho.

Qual é a reação das pessoas?

Pelo que eu vejo acho que muita gente gosta do grafite. Pelo menos mais do que a pichação. Acho que as pessoas enxergam como se fosse um quadro... Acho que eles entendem... Mas também acho que tá meio a meio... tem gente que não gosta mesmo... por causa do lance do vandalismo... Tem gente que nem vê... nem sabe o que é... Acho que aos poucos o grafite está ganhando maior conceito social, está sendo mais aceito. Tem prefeituras que contratam grafiteiros pra limpar a cidade com suas pinturas. Acho que tem de tudo, gente que gosta, que não gosta, que odeia, quem nem vê.

Qual é a reação da imprensa?

A imprensa é um negócio complicado. Acho que eles também não entendem muito bem o grafite. Querem explicar... mostrar... dizer que é bonito... que é mais bonito que o piche... Criam um grafite que às vezes nem existe... Mas a imprensa é importante porque divulga também. Depois que os jornais passaram a entrevistar grafiteiros e mostrar as produções, o número de grafiteiros aumentou... houve uma influência eu acho... às vezes é bom... Acho que tem reportagens muito

maneiras, mas no geral distorcem tudo que a gente diz... Mas tudo hoje passa pela imprensa... Eles gostam do lado social... isso dá a maior audiência... A imprensa com o grafite é tranqüila, mas acho que eles não entendem muito bem o grafite.

E qual é a reação da Lei?

A lei é a lei. É proibido. O grafite é uma prática ilegal. Tem governo que apóia e incentiva, tem ong, mas a lei é para não ter grafite. O grafite é marginal por isso... Não dá pra esperar que a lei vá dar algum tipo de auxílio ao grafite. Mas também acho que se for legalizado vai perder um pouco do sentido... Mas eu não me preocupo muito com isso não... tem tanta coisa aí que a lei não permite e são feitas... O grafite é só mais uma.

OUTRAS QUESTÕES SOBRE GRAFITE

Como se aprende o grafite?

A essência do grafite você aprende sozinho. Mas você se aperfeiçoa vendo os outros, treinando, seguindo os passos dos mais antigos... se associando aos mais antigos... É um trabalho de disciplina... de tentativas, de superação. Você tem que saber o que se passa no meio, quem são os nomes, a origem, você tem que saber tudo... Tem treinar a tipografia, tem que treinar o desenho, tem que dominar as técnicas, manusear o spray, escolher as cores, tem coisa demais pra aprender. E isso só acontece se o cara tiver de olho no que está sendo feito... ver o que os mais velhos têm pra ensinar... e depois dar os seus passos sozinhos. Eu sempre vou dar umas palestras em escolas públicas. Mas eu vou lá mostrar pros malucos o que eu faço e dizer que eles podem fazer algo também. Não vou lá pra dizer aos malucos que o piche é ruim ou que o grafite é legal. Vou lá para falar sobre a arte de rua e sobre a importância de expressar-se através da tomada dos espaços públicos. Falo também dos perigos e dos cuidados que se deve ter. Questões das técnicas são abordadas e vídeos e álbuns de fotografias sobre grafite são mostrados; coisa que eles gostam muito. Não vou lá pra dizer o que é bom ou ruim; cada um se expressa como quiser, com o material que quiser, com as idéias que tiver. O mais importante é investir num conceito.

O que aproxima e o que distancia o grafite da pichação?

Eu acho que são duas coisas diferentes. O grafite é uma coisa e o piche é outra. Mas acho que tem coisas a ver também. O uso do spray... muita gente chega a ser bom grafiteiro porque treinou muito a usar o spray na pichação. Acho que a pichação é mais vandalismo do que o grafite. Acho que se o grafite já é marginalizado, o piche é muito mais... O piche é coisa mais de criança, de adolescente... O grafite é mais elaborado, requer mais cuidado... são coisas diferentes, mas o piche já influenciou muito o grafite e ainda influencia.

Por que dos apelidos?

Os tag's? Isso é da cultura do grafite... e também da pichação... Criar um apelido é clássico... Ninguém tem o seu nome verdadeiro... tem o Fábio (referência ao grafiteiro Fábio Ema)... mas Ema é apelido... O apelido faz a gente se esconder... é uma proteção, um escudo... tipo uma máscara. Com o apelido a gente fica mais ou menos protegido... E são muitos... eu já tive uns 5 apelidos diferentes... de vez em quando eu mudo... O apelido é meio que pra confundir e é a sua marca... é o que te marca e o que te torna conhecido no meio. Todo grafiteiro tem um apelido e sempre reconhecido e chamado por esse apelido. É como um código do meio do grafite. Se eu não dissesse para minha mãe, para o meu pai, eles jamais saberiam que Broz sou eu... É mais ou menos assim.

Por quê?

Porque se não você fica muito visado... é bom mudar, manter um movimento... Eu sempre to mudando, mas tem parceiro aí que se mantém com o mesmo tag há muito tempo.

Como o grafiteiro se atualiza e como se informa?

Tem muito site, blog, fotolog... Tem uma informação que é diária na própria cidade, nos muros... Mas tem revistas, tem livros, tem uns caras aí que têm uma biblioteca grande sobre grafite. Muita conversa, eventos, sei lá... Tem a pesquisa própria, particular... cada um busca uma fonte, uma inspiração... A faculdade passou a ser um lugar de informação... na área de desenho tem muito interesse pelo grafite... Tem muitas situações de informação... a imprensa também.

O grafite pode ser ensinado e aprendido?

Pode. Tem muita gente dando curso de grafite... Mas você vai aprender a coisa técnica... Se você vai aprender a ser grafiteiro, isso é outra coisa...

Por quê?

Eu já falei... porque tem que se mirar nos caras mais antigos... tem um monte de coisas que você tem que saber que não é só a técnica. A técnica é importante mas não é tudo...

Old school e new school?

É mais ou menos isso.

O que não pode faltar na hora de grafitar?

Um muro... Spray... tinta, né... bagulho (maconha)... Pô, eu fumo maconha todo dia. Se eu vou grafitar careta a coisa sai de um jeito, mas se eu to viajando a coisa flui. Não tem esse lance de puritanismo não. O grafite é bonito e coisa e tal, mas na maioria das vezes é na base da *cannabis*. No meu caso a maconha me deixa mais ligado e eu fico ligado em tudo... em quem tá passando, se os caras (a polícia) estão vindo, as cores, os traços... o desenho sai mais fácil.

Só?

Sei lá... deixa eu ver... Ah, claro, máquina fotográfica. Pra mim, tão importante quanto uma lata de *spray*, é uma máquina fotográfica. Como não sei quanto tempo vai durar a produção em um muro, a única maneira de eternizar aquele grafite é fotografando. Pode até ser que o grafite fique ali por muito tempo, mas não conto com isso. Se eu passo depois e vejo ele lá e as pessoas falando dele, comentando, tudo bem... isso dá a maior satisfação... é como se o dever estivesse cumprido. Mas registrar é de lei. São muitos livros contendo registros dos grafites e às vezes os autores desses livros recorrem aos arquivos de cada grafiteiro, de cada grupo.

Qualquer um pode ser grafiteiro ou exige-se alguma habilidade?

Qualquer um pode ser... Qualquer um.

A JUVENTUDE

O que é ser jovem?

Ser jovem é ter o mundo todo pela frente. É ser meio irresponsável ainda... é o desejo de liberdade... é curtir a vida... aproveitar enquanto tem energia... O jovem pode tudo... mas esse é o risco também... Os jovens são muito onipotentes eu acho... Pro jovem tudo tá bom... Mas é muito problemático também... a questão do futuro, do trabalho... É meio complexo dizer o que é o jovem... É muita expectativa e isso vai gerando muita ansiedade também. Eu acho que o mundo de hoje é melhor pro jovem por um lado mas também é ruim por outro lado. É tudo mais incerto, sei lá... não sei se deu pra responder!

Quais os símbolos da juventude?

Eu acho que o grafite é um símbolo da juventude. Os jogadores de futebol, os artistas... sei lá... A maconha é um símbolo dos jovens... carnaval em Salvador... O álcool...

E com relação ao trabalho?

Isso é bem complicado... a falta de experiência é ruim. O trabalho é uma expectativa grande... Será que vou ter um emprego... Eu já escolhi... estou fazendo desenho industrial mas quero trabalhar com o grafite... até quando der... porque às vezes a coisa não sai como a gente queria.

Valeu! Ficou muito bom.